

DESAFIOS E VARIÁVEIS NO ENSINO DA FLAUTA DOCE PARA CRIANÇAS NO BRASIL: UMA ANÁLISE METODOLÓGICA

CHALLENGES AND VARIABLES IN TEACHING THE RECORDER TO CHILDREN IN BRAZIL: A METHODOLOGICAL ANALYSIS

DESAFÍOS Y VARIABLES EN LA ENSEÑANZA DE LA FLAUTA DULCE PARA NIÑOS EN BRASIL: UN ANÁLISIS METODOLÓGICO

Thaynah Patrícia Borges Conceição¹, Olívia Misae Kato², Anne Abreu de Lima³, Gilvandro Figueiredo Souza⁴, Rodrigo Carlos Vilhena de Albuquerque⁵, Ana Karoline da Silva Matos⁶

DOI: 10.54899/dcs.v23i93.6614

Recibido: 10/07/2026 | Aceptado: 31/07/2026 | Publicación en línea: 13/08/2026.

RESUMO

Este artigo realizou uma análise metodológica da produção acadêmica brasileira relacionada ao ensino da flauta doce para crianças, com ênfase na demanda por práticas inclusivas dirigidas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). A revisão bibliográfica abrangente considerou teses, dissertações, anais de eventos e periódicos científicos do período 2015 a 2025, além dos manuais de ensino mais utilizados no país. Foram examinadas variáveis como o perfil dos participantes, os contextos de ensino e os procedimentos metodológicos adotados. Os resultados revelaram uma lacuna relevante em pesquisas experimentais ou descritivas que investiguem os processos de aprendizagem do instrumento, evidenciando o predomínio de estudos voltados para a performance e preparação de repertório. Essa realidade destaca a urgência de desenvolver novas abordagens pedagógicas inclusivas e específicas para a flauta doce.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Metodologias de Ensino, Flauta Doce, Música.

ABSTRACT

This article conducted a methodological analysis of Brazilian academic production related to teaching the recorder to children, with emphasis on the demand for inclusive practices aimed at Autism Spectrum Disorder (ASD). The comprehensive literature review considered theses, dissertations, conference proceedings, and scientific journals from the period 2015 to 2025, in addition to the most widely used teaching manuals in the country. Variables such as participant

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil.
E-mail: thaynahb@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5507-8873>

² Doutora em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: oliviakato77@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2296-2369>

³ Doutoranda em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil.
E-mail: limanne.abreu@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000/0002/8497/8852>

⁴ Doutor em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil.
E-mail: figgil@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5461-0160>

⁵ Mestrando em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil.
E-mail: rodrigoalbuquerque104@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8789-1012>

⁶ Graduação em Fonoaudiologia, Universidade da Amazônia, Belém, Pará, Brasil.
E-mail: rodrigoalbuquerque104@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3790-6889>

profiles, teaching contexts, and methodological procedures were examined. The results revealed a significant gap in experimental or descriptive research investigating the learning processes of the instrument, highlighting the predominance of studies focused on performance and repertoire preparation. This reality underscores the urgency of developing new inclusive and specific pedagogical approaches for recorder instruction.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Teaching Methodologies. Recorder. Music.

RESUMEN

Este artículo realizó un análisis metodológico de la producción académica brasileña relacionada con la enseñanza de la flauta dulce para niños, con énfasis en la demanda de prácticas inclusivas dirigidas al Trastorno del Espectro Autista (TEA). La revisión bibliográfica abarcó tesis, disertaciones, actas de congresos y revistas científicas del período de 2015 a 2025, además de los manuales de enseñanza más utilizados en el país. Se examinaron variables como el perfil de los participantes, los contextos de enseñanza y los procedimientos metodológicos adoptados. Los resultados revelaron una brecha significativa en investigaciones experimentales o descriptivas que investiguen los procesos de aprendizaje del instrumento, evidenciando el predominio de estudios centrados en la interpretación y la preparación de repertorio. Esta realidad destaca la urgencia de desarrollar nuevas metodologías pedagógicas inclusivas y específicas para la flauta dulce.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista. Metodologías de Enseñanza. Flauta Dulce. Música.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a flauta doce consolidou-se como um instrumento acessível e versátil no panorama da educação musical brasileira. Sua presença estende-se por diversos contextos de ensino-aprendizagem, abrangendo desde a musicalização infantil (Pereira *et al.*, 2025) até projetos voltados para a terceira idade (Mathias, 2025). Essa capilaridade é perceptível em instituições variadas, incluindo conservatórios, escolas regulares, projetos sociais e em cursos de graduação e pós-graduação em música em todo o país.

Embora tenha ocorrido uma ampliação do ensino da flauta doce e do interesse por práticas inclusivas, ainda se percebe que a produção científica nacional carece de publicações e diretrizes metodológicas (Ferreira *et al.*, 2024; Mathias, 2025; Pereira *et al.*, 2025), embora estudos atuais evidenciem lacunas metodológicas sobre esse ensino de música para crianças com Transtorno do

Espectro Autista - TEA (Alves; Souza, 2025).

Nesse contexto, este estudo propõe uma análise metodológica do ensino da flauta doce voltado ao público infantil. A pesquisa, fundamentada em um levantamento de teses, dissertações e outras fontes acadêmicas, identificou que, embora existam dados dispersos em trabalhos acadêmicos e eventos, falta ainda uma sistematização que permita aos educadores compreender e aplicar procedimentos eficazes. Isso configura a necessidade de organizar, analisar e categorizar a produção existente com o intuito de fortalecer o campo da educação musical.

O objetivo principal foi proceder a um mapeamento crítico de artigos, teses e dissertações que abordam o ensino da flauta doce em diferentes contextos, tais como projetos sociais, escolas de música e unidades de educação básica, identificando variáveis metodológicas, perfil dos participantes e a clareza dos procedimentos empregados. Parte-se da premissa de que o planejamento pedagógico musical exige objetivos claros e sequências didáticas estruturalmente definidas.

A relevância deste estudo fundamentou-se da necessidade de avaliar se as práticas pedagógicas brasileiras, principalmente voltados ao ensino da flauta doce, seguindo sequências replicáveis e capazes de produzir resultados declaradamente mensuráveis. Além disso, buscou-se compreender em que medida os métodos e manuais tradicionais são seguidos ou adaptados empiricamente pelos professores. Em última análise, este levantamento metodológico visou subsidiar a elaboração de estratégias inovadoras e inclusivas, especialmente para o ensino da flauta doce a crianças com TEA, promovendo uma educação musical mais acessível, fundamentada e humanizada.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Interseção entre o Perfil Sensorial, o Desenvolvimento Psicomotor e Estratégias no Ensino de Instrumentos Musicais para Estudantes com TEA

O aprendizado de instrumentos musicais demanda a integração simultânea de múltiplos estímulos táteis, auditivos e proprioceptivos, exigindo do cérebro o processamento concomitante de diversas informações sensoriais e motoras (Asnis; Arantes; Elias, 2019). Estudantes com TEA, devido a peculiaridades sensoriais, podem apresentar reações aversivas a sons específicos. No caso da flauta doce, por exemplo, timbres agudos ou volumes excessivamente elevados podem

provocar desconforto, demandando estratégias específicas de dessensibilização e ambientes controlados para o ensino musical (Mattos, 2019; Monteiro *et al.*, 2020; Silvestrim; Caregnato, 2023).

Para minimizar o impacto desses estímulos aversivos, Silvestrim e Caregnato (2023) recomendam a elaboração de um plano gradual de dessensibilização, no qual o estudante é exposto progressivamente aos estímulos sonoros até que estes se tornem toleráveis, aliando-se ao uso de abafadores auditivos. Paralelamente, faz-se necessário um ambiente de aprendizagem cuidadosamente estruturado, que atenda às necessidades sensoriais do aluno. Assim, o espaço de ensino musical deve ser previsível, organizado e sensorialmente adaptado, para prevenir a desregulação sensorial e favorecer o acesso efetivo aos processos de ensino e aprendizagem (Monteiro *et al.*, 2020).

O processamento sensorial, nesse sentido, é fator determinante para a participação e o sucesso acadêmico. Dificuldades relacionadas ao processamento sensorial podem comprometer, em diferentes graus, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras, impactando negativamente a aprendizagem (Mattos, 2019). Para estudantes com TEA, tais dificuldades sensoriais e físicas influenciam a capacidade de realizar atividades e restringem sua participação no ambiente escolar (Monteiro *et al.*, 2020).

Além das questões sensoriais, o ensino de instrumentos musicais envolve também competências psicomotoras essenciais. Para indivíduos com TEA, essa prática está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento das habilidades motoras e da psicomotricidade, uma vez que exige o desempenho simultâneo e coordenado de tarefas motoras e sensoriais (Asnis; Arantes; Elias, 2019). A música, portanto, assume papel que transcende a dimensão artística, configurando-se como ferramenta efetiva para o desenvolvimento neuropsicomotor e para a construção da consciência corporal (Louro, 2021).

Dificuldades sensoriomotoras são frequentes entre indivíduos com TEA, manifestando-se desde os primeiros sinais do transtorno (Mattos, 2019). Entre as limitações mais comuns destacam-se: déficit na coordenação motora, disfunções relativas à base sensorial, dificuldades no controle motor e na antecipação motora (Louro, 2021; Pavlou; Garmips, 2025; Monteiro *et al.*, 2020).

Para superar tais obstáculos, metodologias integrativas que combinam o ensino musical aos fundamentos da psicomotricidade têm demonstrado eficácia. Atividades que envolvem percussão corporal, dança e percursos psicomotores associados à música auxiliam o aluno a

desenvolver a imagem e percepção corporal. O uso contínuo de instrumentos variados em peso, forma e tamanho funciona como estímulo para o desenvolvimento progressivo das habilidades motoras em processo de construção (Louro, 2021).

Em síntese, as atividades musicais podem promover atenção, foco, coordenação motora, percepção auditiva, ritmo interno, organização espaço-temporal, criatividade, expressão sensorial e socialização integrada em crianças com TEA. A efetividade desse processo depende da capacidade do professor em individualizar o ensino, ajustar o ambiente, graduar estímulos, adaptar materiais e estruturar rotinas que promovam a previsibilidade, aumentem a participação e favoreçam um aprendizado significativo (Coropos, 2025).

A escolha do instrumento musical, por sua vez, deve respeitar as especificidades sensoriais e motoras do aluno, visto que diferentes instrumentos impõem variadas demandas relacionadas à percepção auditiva, coordenação motora, controle postural e autorregulação (Coropos, 2025). A flauta doce, pela sua gama sonora, características motoras e possibilidades pedagógicas, emerge como instrumento relevante, todavia, requer adaptações cuidadosas para atender às singularidades dos estudantes com TEA, fator que enseja discussões aprofundadas acerca de suas potencialidades e desafios no ensino musical inclusivo (Conceição; Pinheiro, 2025).

Sobre a Flauta Doce e Seu Uso na Educação Musical

A flauta doce é um instrumento da família das madeiras, com uma longa trajetória histórica comprovada por registros documentais (O’Kelly, 1990). No campo da pedagogia musical, sua escolha para o início do ensino é tradicionalmente justificada pela facilidade de manuseio, pela prontidão na emissão sonora e pelo baixo custo de aquisição (Benassi, 2013).

No entanto, estudos conduzidos por Paoliello (2007), Cuervo (2009) e Stori (2008) mostram que o uso da flauta doce tem sido problematizado sob diferentes óticas ao longo do tempo. Em algumas abordagens, o instrumento é visto como um “instrumento de passagem” ou mesmo um “brinquedo” (Paoliello, 2007), utilizado apenas como etapa preparatória para a aprendizagem de instrumentos mais complexos. Por outro lado, Stori (2008), defende que a flauta doce possui ampla capacidade para atender aos desafios da educação musical em sala de aula, dada sua variedade técnica, expressiva e artística.

Além dos aspectos técnicos e econômicos, o emprego da flauta doce na educação musical

ganha força por dimensões pedagógicas voltadas ao desenvolvimento humano e social. Conforme Benenick (2014), o ensino instrumental deve transcender a mera técnica, inserindo-se numa prática educativa que valorize a experiência musical da criança, promovendo sua capacidade de ouvir e criar. Nessa perspectiva, a flauta doce torna-se um meio para que o aluno explore a linguagem musical ativamente, associando a prática instrumental à sua realidade cultural e cotidiana.

Complementando essa visão, Joly (2003) ressalta que o aprendizado coletivo de um instrumento é um potente catalisador da socialização. Sob a ótica da educação musical humanizadora, Joly enfatiza que o ensino deve visar não apenas à formação de músicos talentosos, mas também ao desenvolvimento da sensibilidade, disciplina e respeito mútuo. Por ser frequentemente ministrada em grupos, a flauta doce favorece o desenvolvimento da “escuta do outro” e da cooperação, fazendo com que a técnica contribua para o fortalecimento dos vínculos afetivos e sociais entre os alunos.

De acordo com Cuervo (2009), a consolidação da flauta doce como ferramenta de musicalização no Brasil se deu a partir do século XX, motivada pelos seguintes fatores: (a) facilidade técnica de execução e memorização; (b) acessibilidade financeira; (c) possibilidade de utilização com outros instrumentos em sala para construção de arranjos; (d) acesso a diferentes culturas, períodos e gêneros musicais; e (e) existência de um repertório amplo e artisticamente relevante.

Assim, amplamente utilizada em variados contextos educacionais, a flauta doce apresenta grande potencial para o fazer musical. Tocar esse instrumento configura-se como uma ação democratizadora da educação musical, dada sua importância para o desenvolvimento integral do indivíduo.

METODOLOGIA

Para embasar esta análise metodológica, optou-se por uma pesquisa bibliográfica e documental de abordagem qualitativa. A busca inicial foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando os descritores “ensino de flauta doce” e “ensino de flauta doce para crianças”, com recorte temporal entre 2015 e 2025. A pesquisa resultou em 20 trabalhos acadêmicos, sendo 13 dissertações de mestrado e sete teses de doutorado.

Para embasar esta análise metodológica, optou-se por uma pesquisa bibliográfica e documental de abordagem qualitativa. A busca inicial foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando os descritores “ensino de flauta doce” e “ensino de flauta doce para crianças”, com recorte temporal entre 2015 e 2025. A pesquisa resultou em 20 trabalhos acadêmicos, sendo 13 dissertações de mestrado e sete teses de doutorado.

A seleção seguiu critérios rigorosos de inclusão e exclusão. Foram descartados estudos focados exclusivamente em performance instrumental avançada, pesquisas históricas ou sem ligação direta com processos pedagógicos-musicais. Após essa triagem, permaneceram apenas quatro trabalhos dedicados ao ensino infantil e com abordagem experimental. Contudo, constatou-se que esses estudos careciam de descrições detalhadas dos procedimentos, dificultando uma análise aprofundada das variáveis de ensino.

Complementarmente, realizou-se levantamento nas bases *Scielo e Google Acadêmico*, restringindo a busca ao território nacional e usando a palavra-chave “ensino de flauta doce”. Inicialmente foram encontrados 376 registros. Após análise criteriosa de títulos e resumos, a amostra foi reduzida a cinco artigos publicados em periódicos e seis em anais de eventos científicos, que continham dados passíveis de categorização.

Os dados coletados foram organizados em três eixos analíticos: (a) variáveis relativas aos participantes e contextos, apresentadas nas tabelas 1 e 2; (b) procedimentos e sequências de ensino, detalhados nos quadros 1 e 2; e (c) manuais didáticos, cuja síntese das sequências constam no quadro 3.

Essa sistematização possibilitou confrontar práticas descritas na literatura acadêmica com as orientações dos métodos tradicionais, com o intuito de identificar padrões ou lacunas que possam orientar adaptações pedagógicas, especialmente voltadas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

RESULTADOS

Estudos Disponíveis em Anais de Eventos

A caracterização das variáveis relacionadas aos participantes dos estudos presentes em anais de eventos está compilada na Tabela 1. Esses dados permitem traçar um panorama da

amostragem das pesquisas brasileiras, correlacionando o local de realização com o perfil etário e quantitativo dos alunos.

Tabela 1. Caracterização das variáveis de participantes de artigos encontrados em anais de Evento

Autores	Evento	Local de Realização	Faixa Etária (anos)	Nº de Participantes	de Grupos (turmas)
Garbosa (2018)	Encontro ABEM Sul	Projeto Social	7 a 13	25	2
Cordeiro; Scarpellini (2016)	Encontro ABEM Norte	Projeto Social	8 a 14	20	2
Alvarenga; Joly (2017)	Congresso Nacional ABEM	Escola de Música Pública	10 a 15	7	1
Silva; Anders (2018)	Encontro ABEM Sul	Escola Regular	6 a 12	30	2
Freixedas; Grossmann (2015)	Congresso da ABEM	Escola de Música Particular	7 a 12	N.I.	2
Machado (2025)	Congresso da Anppom	Escola Pública Regular	N.I	N.I	N.I

Nota: NI: Não informado. Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

Os dados compilados na Tabela 1 revelam que o ensino da flauta doce para crianças no Brasil ocorre majoritariamente de forma coletiva, abrangendo contextos que variam desde projetos sociais até escolas de música e o ensino regular. Observa-se que, nos projetos sociais, há uma tendência de maior heterogeneidade na faixa etária e grupos maiores de alunos, o que sugere um foco em democratização e socialização. Já nas instituições de ensino específico (escolas de música pública e particular), o número de participantes por turma tende a ser reduzido, indicando um direcionamento para o refinamento técnico-musical.

É possível identificar também na Tabela 1 a falta detalhamento nas variáveis de participantes (como número exato de alunos e tempo de exposição ao método) e isso representa um obstáculo para a replicabilidade das pesquisas. Para o objetivo central deste artigo, o ensino voltado ao Transtorno do Espectro Autista, essa lacuna é ainda mais sensível, pois a adaptação para o aluno autista exige, antes de tudo, o controle rigoroso das variáveis do ambiente e do perfil do grupo.

Estudos em Periódicos Científicos

Enquanto os anais trazem relatos e experiências em andamento, os artigos publicados em periódicos científicos passam por revisão por pares, o que geralmente exige descrições mais rigorosas dos participantes e contextos. A Tabela 2 apresenta a caracterização dos participantes nos estudos selecionados em periódicos, destacando faixa etária e ambiente educacional.

Tabela 2. Caracterização das variáveis de participantes em artigos de revistas

Autores	Periódico	Perfil dos Participantes	Faixa Etária (anos)	Nº de Participantes
César e Alvarenga, (2018)	Perspectivas em Ed. Básica	Alunos do Ensino Fundamental II	12 a 13	35
Sant'Ana (2017)	Prática Docente	Alunos de Escola Pública	11 a 16	N.I.
Almeida; Pereira; Costa; Morais (2025)	Revista Orfeu	Alunos do Ensino fundamental I	10 e 11	N.I.
Linhares (2025)	Arteriais	Alunos do Ensino Fundamental 1	7 a 9	30

Nota: NI: Não Informado. Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

A análise da Tabela 2 aponta para uma produção contemporânea e diversa, mostrando que a flauta doce mantém presença significativa no Ensino Fundamental II e até mesmo no Ensino Médio, conforme evidenciado nos estudos de Paiva e Alvarenga (2018) e Sant'Ana (2017). Isso contradiz a ideia de que o instrumento seria apenas para musicalização infantil inicial, demonstrando sua aplicabilidade com pré-adolescentes e adolescentes em escolas públicas. A amplitude etária, que alcança até 16 anos, evidencia a versatilidade do instrumento para sustentar diferentes níveis de maturação cognitiva e motora.

O trabalho de Linhares (2025), por sua vez, oferece um recorte detalhado do ensino em uma escola municipal do Pará, onde uma turma de 30 alunos do 2º nível escolar é atendida coletivamente. Tal estudo ajuda a preencher lacunas importantes sobre o "como" e "para quantos" se ensina a flauta doce em contexto público, questões pouco exploradas nos trabalhos de Sant'Ana (2017) e Almeida *et al.* (2025).

Por outro lado, o tamanho expressivo dessas turmas evidencia um desafio estrutural da educação musical no Brasil: o ensino coletivo em grande escala. Com até 35 alunos por turma, o educador enfrenta dificuldade para garantir o refinamento técnico e o desenvolvimento individual. Assim, são necessárias metodologias altamente estruturadas que equilibram a performance coletiva com a atenção às diferenças individuais, sendo esse aspecto nem sempre detalhado com profundidade nos artigos.

A persistência de dados não informados, mesmo em periódicos revisados, revela que o rigor descritivo das amostras ainda é subalterno diante da narrativa pedagógica. Essa deficiência se torna crucial ao se pensar em inclusão de alunos com necessidades específicas, como o TEA. Em turmas lotadas e metodologias pouco descritas, a construção de procedimentos claros e sequenciados se torna fundamental para uma prática de ensino musical realmente inclusiva e eficaz.

A análise conjunta das Tabelas 1 e 2 mostra que o ensino da flauta doce ocupa tanto espaços formais quanto não formais no Brasil. Os anais enfatizam contextos sociais e o início da musicalização, enquanto os periódicos destacam a continuidade do instrumento em níveis mais avançados do ensino fundamental. Essa abrangência demonstra a resiliência da flauta doce como recurso pedagógico, adaptando-se às diversas realidades socioeconômicas e faixas etárias, consolidando sua centralidade na educação musical coletiva do país.

Para compreender melhor a prática pedagógica, o Quadro 1 sintetiza as sequências de ensino descritas nos artigos dos anais, organizando-as cronologicamente por autor.

Quadro 1. Procedimentos e sequências de ensino analisado nos artigos em anais de eventos							
Autores	Procedimento Iniciais (sequências)						
	1	2	3	4	5	6	
Garbosa (2018)	Trabalho direcionado à percepção auditiva	Exploração do instrumento físico	Adaptação ao corpo (embocadura)	Aprendizado da sonoridade correta	Aprendizado das notas; Sí, Lá, Sol	Ensino de repertório	de
Cordeiro e Scarpellini (2016)	Segurar a flauta	Aprender a soprar	Aprendizado da sonoridade	Aprendizado da posição das notas	Ensino de Repertório	Gravação	
Alvarenga e Joly (2021)	Postura corporal instrumento	Dedilhado (posição das notas)	Exercício de escalas	Leitura de partitura	Aprendizado de aspectos estruturais de música	Prática de repertório e apresentação	
Silva e Anders (2018)	Atividades de apreciação musical	Exploração do instrumento físico	Aprendizado das notas Si e Lá	Prática de repertório	Apresentação	-	
Freixedas, Callegari e Grossmann (2015)	Exploração do instrumento físico	Jogos de escuta	Sonorização de histórias e paisagens com a flauta	Aprendizado das primeiras notas	Práticas de improvisação, composição e registro	Prática de repertório contemporâneo	de
Machado (2025)	Diagramas de Dedilhado	som, postura e dedilhado	Percepção sonora e imitação	Leitura de notas	Práticas diversas com jogos sonoros	-	

Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

A avaliação dessas sequências descritas no quadro 1, revela um padrão que prioriza o

contato sensorial e a exploração do instrumento antes da introdução teórica formal. Autores como Garbosa (2018), Silva e Anders (2018) e Freixedas *et al.* (2015) iniciam o processo pela percepção auditiva e exploração livre, estabelecendo uma base sensorial sólida e livre de pressões técnicas precoces. Por outro lado, Alvarenga e Joly (2021) apresentam uma sequência mais estruturada, incluindo exercícios de escalas e leitura de partituras desde etapas intermediárias, caracterizando uma metodologia tradicionalmente acadêmica.

Machado (2025) inova ao utilizar diagramas de dedilhado como primeiro mediador, aliando técnica e jogos sonoros, conferindo dinamismo e menor rigidez ao processo educativo.

A progressão para o repertório e a performance final, via gravação ou apresentação, aparece como etapa final comum, destacando a importância do registro do aprendizado. Para a inclusão de crianças autistas, a previsibilidade e a decomposição das tarefas, evidentes nas metodologias de Garbosa (2018) e de Alvarenga e Joly (2021), são especialmente valiosas para reduzir ansiedade e facilitar o processo cognitivo.

A seguir, o Quadro 2 apresenta as sequências de ensino nos artigos de periódicos, que, pela avaliação por pares e maior espaço descritivo, oferecem detalhamento metodológico mais robusto.

Quadro 2. Caracterização das variáveis de procedimentos de ensino encontradas nos artigos

Autores	Procedimentos de ensino (sequência)					
	1	2	3	4	5	6
Paiva e Alvarenga (2018)	Tocar a melodia principal	Professor a segunda voz	Apresentação da partitura	Divisão em dois grupos	Reflexão do processo	Tocar duas vozes simultaneamente
Sant'Ana (2017)	Representação o imagética e simbólica na Arte	Análise do gênero musical	Gesto, movimento e controle do pulso	Gesto-imagem	Leitura musical	Posição dos dedos
Linhares (2025)	Iniciou pela prática: exploração livre	Sopro e dedilhado	Posições das 7 notas	Associação de posição x partitura	Prática de repertório	Flexibilizado repertório garantindo inclusão
Almeida <i>et al.</i> (2025)	Sopro suave/doce	Posição de mãos e dedos	Teoria musical	Repertório	-	-

Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

A análise dos procedimentos detalhados nos periódicos científicos revela um aprofundamento técnico superior, com uma clara preocupação em fundamentar a prática instrumental dentro do ensino formal e interdisciplinar. Na sistematização de Sant'Ana *et al.* (2017) encontramos uma proposta inovadora para o ensino coletivo, ao integrar o gesto e a

imagem como mediadores do aprendizado musical na disciplina de Artes.

O procedimento inicial em várias propostas destaca o início pelo contato prático com a melodia principal ou mesmo pela exploração livre do instrumento, como ocorre nos estudos de Paiva e Alvarenga (2018) e Linhares (2025). Essa escolha demonstra o reconhecimento da importância de estimular o aluno a se familiarizar sensorialmente com o som e o manuseio da flauta logo nas etapas iniciais, facilitando a motivação e o engajamento. Ao mesmo tempo, esses procedimentos não deixam de progressivamente introduzir fundamentos teóricos e técnicos, como leitura de partitura, divisão de grupos para prática coletiva e desenvolvimento do repertório, evidenciando a preocupação com uma formação musical integrada.

Sant’Ana (2014), se destaca por propor uma estratégia inovadora que associa a representação imagética e simbólica à prática instrumental, aproximando o ensino da flauta doce das linguagens visuais e corporais. A inserção do gesto, movimento e controle do pulso no processo de aprendizado representa uma ação articuladora entre corpo e mente, fundamental para o desenvolvimento da coordenação motora e da percepção auditiva. Além disso, o recurso à leitura musical associada ao posicionamento dos dedos reforça a compreensão multissensorial, elemento crucial para atender às necessidades de alunos com diferentes estilos e ritmos de aprendizagem.

Linhares (2025), oferece uma contribuição importante ao incluir a fase de “flexibilização do repertório”, um aspecto que demonstra consciência acerca da diversidade presente em salas de aula e da necessidade de adaptar a complexidade musical para inclusão efetiva. Em se tratando do estudo de Almeida *et al.* (2025), embora o foco principal esteja na seleção e organização do repertório, nota-se a ausência de uma descrição mais detalhada dos passos metodológicos que possibilitem a replicação do ensino e a adaptação de técnicas a diferentes perfis de alunos. Isso reforça a necessidade de que futuras pesquisas e materiais pedagógicos incluam não somente o repertório, mas também o desenho didático que conduz à execução musical, sobretudo com ênfase em metodologias inclusivas.

De modo geral, os estudos contemplam um equilíbrio entre a prática instrumental, a fundamentação teórica e a mediação pedagógica, indicando que a qualidade do ensino da flauta doce está vinculada à articulação dessas dimensões. A prática coletiva, por sua vez, é apontada como fator estimulante do convívio social, da escuta ativa e da cooperação, características que dialogam diretamente com objetivos mais amplos da educação musical humanizadora.

O detalhamento progressivo das etapas, do contato inicial ao aperfeiçoamento técnico e

coletivo, demonstra uma preocupação crescente em construir experiências musicais ricas e acessíveis para uma diversidade de estudantes. No entanto, ressalta-se que ainda existem lacunas, especialmente no que tange à organização precisa e replicável dos procedimentos de ensino haja vista que a consolidação de metodologias que integrem apoio sensorial, decomposição das tarefas e uso de recursos visuais e gestuais poderá ser um avanço decisivo para o campo da educação musical inclusiva.

Os procedimentos apresentados no Quadro 2 reconhecem a flauta doce não apenas como um instrumento para o aprimoramento técnico, mas também como uma ferramenta para a formação ampla e integral dos estudantes. Esses trabalhos indicam que, além do domínio técnico, é essencial priorizar estratégias que estimulem a autonomia do aluno, valorizem a comunicação por múltiplos sentidos e respeitem as particularidades de cada aprendiz.

Para compreender plenamente o ensino da flauta doce no Brasil, é fundamental analisar também os manuais didáticos que orientam a prática pedagógica em escolas de educação básica, projetos sociais e conservatórios. Enquanto a produção científica privilegia a reflexão teórica e os relatos, os métodos impressos estabelecem a progressão técnica e a estruturação do repertório. O Quadro 3 reúne os procedimentos e sequências de ensino de alguns dos manuais mais utilizados, funcionando como um referencial que permite confrontar a teoria acadêmica com o material didático efetivamente empregado.

Quadro 3. Caracterização dos métodos de ensino de flauta doce em manuais

Autores	Livro	Sequência de ensino							
		1	2	3	4	5	6	7	8
Mascarenhas, (1972)	Minha doce flauta doce	Teoria musical	Posição	Nome das notas na flauta	Embocadura	Respiração	Articulação	Nota si	Repertório
Prossser, (1995)	Vem comigo tocar flauta doce	Como segurar a flauta	Lábios e dedos	Embocadura	articulação	Teoria musical	Nota lá	Repertório	
Weland, Sasse, Weichselbaum (2018)	Sonoridades brasileiras: Soprano	postura, respiração, dedilhado	Escuta exploração do som	Primeira nota: Sol, Lá e Si	Repertório	-	-	-	-
Sopro novo Yamaha	Caderno para flauta doce soprano	Sopro e respiração	articulação	Posição	História da flauta doce	Partes da flauta	Postura	Teoria musical	Nota lá
Suzuki (2019)	Soprano Recorder School	Postura	Sopro	Articulação	Fechar orifícios	Posição	Nota Ré e Fa#	Repertório	
Drumond (2011)	Minha flauta não pode falar	Postura	Articulação	História	Ensino de notas	Nota si	Repertório	Teoria musical	
Hadadd, <i>et al.</i> (2021)	Flauteando	Apresentação da flauta	Emissão do som	Postura e dedilhado	Ensino de notas: Si, Lá e Sol	Repertorio: músicas folclóricas brasileiras	Tem a proposta cantar e tocar	-	-

Fonte: Dados da Pesquisa (2026).

A análise dos manuais evidencia variações na introdução aos elementos técnicos e teóricos. Enquanto Mascarenhas (1972) e Sopro Novo Yamaha inauguram pelo ensino teórico e histórico antes das notas, sugerindo um ensino formal que contextualiza o aluno intelectualmente, outros métodos priorizam a exploração prática.

Na progressão técnica inicial, destaca-se a preferência brasileira pela nota Si⁴ como ponto de partida, por facilitar a ergonomia da mão esquerda (Mascarenhas, Drumond). Em contrapartida, Suzuki (2019) apresenta uma abordagem distinta, iniciando pelas notas Ré⁵ e Fá^{#4} com foco em estabilidade da mão e fechamento preciso dos orifícios, promovendo percepção auditiva e técnica segmentada conforme repertório.

As obras recentes, como Hadadd *et al.* (2021) e Weland *et al.* (2018), trazem dimensões culturais e subjetivas, integrando o cantar e o tocar e utilizando repertório folclórico brasileiro como base para favorecer memória e afetividade.

Observa-se que a eficácia do ensino reside na decomposição clara das etapas técnicas, priorizando a experiência física e sensorial do instrumento para superar dificuldades motoras e facilitar a expressão musical e autonomia do aluno.

A articulação e o sopro são constantes em todas as metodologias, com diferentes ênfases. Métodos como Prosser (1995) e Drumond (2011), valorizam a preparação corporal antes da teoria, evidenciando preocupação com a produção sonora. Para a inclusão de alunos com TEA, o enfoque do método Suzuki e Drumond, que oferece progressões motoras claras e a repetição sistemática do repertório, favorece ambientes de aprendizagem previsíveis e de baixa ansiedade, possibilitando a automação técnica por metas auditivas e gestuais bem definidas.

DISCUSSÃO FINAL

A análise comparativa entre os manuais didáticos e a produção acadêmica recente, permite traçar um panorama crítico sobre o ensino de flauta doce no Brasil. O ponto central desta discussão reside na dicotomia entre a estrutura técnica dos métodos tradicionais e a flexibilidade exigida pela prática docente contemporânea. Os dados revelam que, embora os manuais e métodos (como Mascarenhas, Suzuki e Yamaha) estabeleçam sequências técnicas consolidadas, estas dificilmente são seguidas na íntegra pelos educadores em suas pesquisas e relatos de experiência. Observa-se que a produção acadêmica (representada por autores como Linhares (2025), Machado (2025) e Almeida *et al.* (2025), tende a subverter a rigidez dos manuais,

adaptando os procedimentos à realidade local e às necessidades específicas dos grupos.

Essa "pedagogia da adaptação" é evidente quando os educadores priorizam a exploração livre e o lúdico antes da técnica formal, conforme visto nos relatos de Silva e Anders (2018) e Freixedas *et al.* (2015). Diferente dos manuais de 1970 e 1990, que ditavam um passo a passo linear e universal, a produção acadêmica atual reflete uma prática que é, por natureza, situada e híbrida. O educador moderno utiliza o manual como uma caixa de ferramentas, e não como um dogma, selecionando repertórios e técnicas que façam sentido para o seu contexto local.

A discussão dos resultados aponta que a simplificação do procedimento técnico é o elo que une a inovação pedagógica à inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A análise dos quadros demonstra que a eficácia do ensino instrumental reside na decomposição da técnica em etapas concretas, táteis e sensoriais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar o panorama do ensino coletivo de flauta doce a partir de relatos de experiência, artigos de periódicos e manuais didáticos, com um olhar voltado para as possibilidades de inclusão e simplificação técnica. Os resultados evidenciam que, embora a literatura tradicional forneça bases estruturais sólidas, é na prática adaptativa dos educadores que se encontram as soluções mais eficazes para a neurodiversidade.

Conclui-se que existe um descompasso produtivo entre os métodos comerciais e a produção acadêmica. Enquanto os primeiros tendem à linearidade técnica, os relatos de prática docente demonstram que a eficácia pedagógica, depende da capacidade do professor de fragmentar o ensino em etapas multissensoriais. A transposição da barreira física do instrumento ocorre quando o foco se desloca da decodificação teórica para a experiência tátil, gestual e sonora.

Por fim, esta revisão ressalta que a autonomia do educador para adaptar conteúdos não deve prescindir do rigor no registro pedagógico. É fundamental que as produções acadêmicas e os relatos de experiência passem a descrever, com maior clareza e detalhamento, os passos metodológicos seguidos para a evolução técnico-musical do aluno. Somente através da sistematização minuciosa dessas adaptações, detalhando como se transpôs o desafio do dedilhado, da articulação e da leitura para o aluno, será possível transformar práticas locais e subjetivas em referenciais metodológicos robustos. O ensino da flauta doce reafirma-se, assim, como um campo em constante construção, onde a flexibilidade docente e o rigor do registro

devem caminhar juntos para garantir uma educação musical efetivamente inclusiva e cientificamente embasada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcelo de; PEREIRA, Eliton Perpetuo Rosa; COSTA, Cristiano Aparecido da; MORAIS, Renan Gil. Proposta metodológica de ensino da flauta doce no fundamental I com elaboração de material didático. **Orfeu**, v. 10, n. 1, p. e0204, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5965/2525530410012025e0204>

ALVARENGA, Gabrielle; JOLY, Ilza. **Processos educativos no ensino de flauta doce por meio do Método Suzuki: formação musical e humana**. In: XXV Congresso Nacional da ABEM. Online. Anais ABEM, 2021.

ALVES, Tayna Kethellen Santiago; SOUZA, Cássia Virgínia Coelho de. Educação musical e Transtorno do Espectro Autista: uma revisão bibliográfica. **Eventos ABEM**, v. 1, 2025. Disponível em: <https://eventos.abem.mus.br/eventos/article/view/189> Acesso em: 28 jul. 2026

ASNIS, Valéria Peres; ARANTES, Ana; ELIAS, Nassim Chamel. Ensino de habilidades rítmicas para meninos com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 32, p. 1-21, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X34415>

BENASSI, Claudio Alves. A flauta doce: a história do percurso desse instrumento na música contemporânea. **Revista Eletrônica Discente História.com**, v. 1, n. 1, 2013

BEINEKE, Viviane; ZANETTA, Camila Costa. “Ou Isto ou Aquilo”: a composição na educação musical para crianças. **Música Hodie**, Goiânia, v. 14, n. 1, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5216/mh.v14i1.32978>

CORDEIRO, Rosely Lima e SCARPELLINI, Maíra Andriani. **Refletindo sobre ensino de flauta doce**. In: IX Encontro Regional Norte da ABEM 2016. UFRR, Boa Vista, Anais ABEM. 2016

COROPOS, Mônica. Contribuições da educação musical nos processos de ensino-aprendizagem em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) durante os anos iniciais do ensino fundamental. **Revista da ABEM**, v. 33, n. 1, e33119, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reveducacao>>. DOI: <https://doi.org/10.33054/ABEM202533119>

CONCEIÇÃO, Thaynah Patricia Borges. Análise metodológica sobre as variáveis que afetam o ensino da flauta doce para crianças no Brasil. **Revista Caderno Pedagógico**, Studies Publicações e Editora Ltda., Curitiba, v. 21, n. 10, p. 1–18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n10-417>

CONCEIÇÃO, Thaynah Patrícia Borges; PINHEIRO, Kelson Luiz Lopes. **Educação musical com a flauta doce com alunos autistas no projeto Músicos do Amanhã: estratégias fundamentadas na análise do comportamento aplicada (ABA)**. Comunicação apresentada no 27º Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM, Curitiba,

3–7 nov. 2025. GT12 – Ensino de música, inclusão e anticapacitismo. Disponível em: <https://eventos.abem.mus.br/eventos/article/view/307> Acesso em: 28 jul. 2026

CUERVO, Luciane. **A flauta doce no Brasil: práticas e representações**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

DRUMMOND, Elvira. **Minha flauta não pode falar**. v. 1. Fortaleza: LMiranda Editora, 2011. 52 p. il. color. 30 cm. (Coleção Flauta).

FERREIRA, Lincoln Thiengo; SANTOS, Hermes Soares dos; ARRUDA, Mariana Lacerda Arruda; OLIVEIRA, Valdomiro de; VAGETTI, Gislaine Cristina. Educação musical de pessoas idosas no Brasil: uma revisão de escopo. **Educação**, v. 49, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644473499>

FREIXEDAS, Claudia; CALLEGARI, Paula; GROSSMANN, Cesar Marino. O desenvolvimento de aspectos humanos e técnicos através do ensino da flauta doce. In: XXII Congresso Nacional da ABEM, 2015, Natal. **Anais do Congresso Nacional da ABEM**. 2015. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v1/papers/1510/public/1510-4641-1-PB.pdf Acesso em: 28 jul. 2026.

GARBOSA, Guilherme Sampaio. **O ensino de flauta doce em um projeto social de Santa Maria**. In: XVIII congresso nacional da associação brasileira de educação musical, 2018 Santa Maria. **Anais**. ABEM. 2018.

LINHARES, Diogo. **A música como ferramenta de inclusão social: experiência com o ensino de música na rede municipal de Vigia de Nazaré, Pará**. **Revista Arteriais**, v. 11, n. 22. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/arteriais/article/view/XXXX>

JOLY, Ilza Zenker Leme. **Educação Musical Humanizadora: processos de ensino e aprendizagem musical na escola**. São Paulo: Moderna, 2003.

LOURO, Viviane. Ensino musical e autismo: relato de uma experiência a partir de uma pesquisa de doutorado em neurociências. **Per Musi**, Belo Horizonte, v. 41, n. 120, p. 01-19. 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2317-6377.2021.25389> Acesso em: 28 jul. 2026. SN: 2224-4131

MACHADO. Graciedei Inês Curvello. **Caderno didático para a iniciação à flauta doce no Ensino Fundamental I: abordagens lúdicas**. Anais XXXV Congresso da Anppom Campo Grande. MS-2025. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2025/papers/290.pdf Acesso em: 28 jul. 2026.

MASCARENHAS, Mário. **Minha Doce Flauta Doce**. Irmãos Vitale, 1977.

MATHIAS, Mercia. Práticas musicais e seus impactos na saúde e bem-estar da terceira idade: um relato de experiência. **Eventos ABEM**, v. 1, 2025. Disponível em: <https://eventos.abem.mus.br/eventos/article/view/172> Acesso em: 28 jul. 2026.

MATTOS, Jací Carnicelli. Alterações sensoriais no Transtorno do Espectro Autista (TEA): implicações no desenvolvimento e na aprendizagem. **Cadernos de Pós-Graduação em**

Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 124-138, 2019

MONTEIRO, Rubiana Cunha **et al.** Percepção de professores em relação ao processamento sensorial de estudantes com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 26, n. 4, p. 623-638, out./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0195>

O'KELLY, Eve. **The recorder today**. New York: Cambridge University Press, 1990.

PAOLIELLO, Nora de Oliveira. **A flauta doce e sua prática**: um estudo sobre o ensino do instrumento. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

PAVLOU, Evangelos-Stylianios; GARMPIIS, Aristogiannis. Enhancing Social Skills in Children with Autism Spectrum Disorder Through Natural Musical Instruments and Innovative Digital Musical Instruments: A Literature Review. **Societies**, v. 15, n. 3, 53, 2025. DOI: <https://doi.org/10.3390/soc15030053>

PEREIRA, Eliton Perpetuo Rosa; ALMEIDA, Marcelo de; COSTA, Cristiano Aparecido da; MORAIS, Ronan Gil. Proposta metodológica de ensino da flauta doce no fundamental I com elaboração de material didático. Orfeu, **Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)**, v. 10, n. 1, 2025. Disponível em: <https://library.kab.ac.ug/Record/doaj-art-b30e10c05e7442b09b1551130ad1f423> Acesso em: 8 fev. 2026

SANT'ANA, Edson Hansen. Gesto e imagem no ensino coletivo de flauta doce: conteúdos múltiplos na disciplina de artes. **Revista Prática Docente**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 13-30, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.23926/rpd.v2i1.36>. Acesso em: 28 jul. 2026.

SILVA, Lucas Nascimento Braga; ANDERS, Fernanda. **Aprendendo a ensinar flauta doce: relato de uma atuação no contraturno escolar**. In: Encontro regional sul da ABEM 2018. Santa Maria. RS. **Anais ABEM**, 2018.

SILVESTREIM, Fernanda Guerra; CAREGNATO, Caroline. Paradigmas de inclusão na educação musical de pessoas com autismo: uma análise de relatos publicados pela ABEM. **Orfeu**, 2023.

STORI, Cláudia Maria. **A flauta doce na sala de aula: técnica e criatividade**. Curitiba: DeAres, 2008. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/25723> Acesso em: 8 fev. 2026